

Capítulo 4

Morfomaníacos

o percurso histórico das formações em *-mania*,
a mudança do seu estatuto morfológico e sua
esquematização pela Morfologia Construcional

CARLOS ALEXANDRE GONÇALVES
LUCIANO VIEIRA MENDONÇA JÚNIOR

Palavras iniciais

Apresentamos, neste capítulo, o resultado da pesquisa feita a partir da inquietação suscitada na categorização de *-mania* no atual estágio da língua. Assim, neste estudo, dedicamo-nos à descrição desse elemento morfológico desde o percurso histórico que esse item de origem grega tomou no vocabulário do português, passando pela descrição do limitado tratamento oferecido ao formativo na literatura – isto é, em compêndios gramaticais e em manuais de morfologia portuguesa – até a demonstração, através de formações mais recentes, de que o formativo *-mania* se encontra semântica e morfologicamente atualizado. Em seguida, propomo-nos à aplicação do modelo da Morfologia Construcional (MC), proposta por Booij (2005, 2010), aos dados de *X-mania* encontrados em nosso *corpus*. Para a descrição da polêmica categoria dos compostos neoclássicos (Gonçalves, 2011), concluímos

que o modelo de Booij é eficaz em contemplar a evolução semântica a que *-mania* foi submetido – não apenas no português, mas também noutras línguas, como explicitaremos adiante – e a consequente mudança de estatuto morfológico.

Da origem

Em linhas gerais, a origem da palavra *mania* e de seu uso como formativo remonta ao termo *μανία*, da língua grega antiga, o qual significa “loucura, demência”, segundo o Dicionário grego-português/português-grego, de Isidro Pereira (1977). Em concordância, o Dicionário de elementos gregos, de Joaquim de Sales (1956), o define como indicador de “loucura parcial, obsessão”. O Dicionário grego-português, coordenado pela Maria Helena de Moura Neves, traduz esse termo, entre outros significados, como “loucura; demência; frenesi”. Com o avanço dos séculos, o termo “mania” foi totalmente incorporado ao vocabulário da Psiquiatria para se referir a um dos sintomas de euforia que ocorrem no Transtorno Bipolar:

A mania afeta o humor e as funções vegetativas, como sono, cognição, psicomotricidade e nível de energia. Em um episódio maníaco clássico, o humor é expansivo ou eufórico, diminui a necessidade de sono, ocorre aumento da energia, de atividades dirigidas a objetivos (por exemplo, o paciente inicia vários projetos ao mesmo tempo), de atividades prazerosas, da libido, além de inquietação e até mesmo agitação psicomotora (Moreno; Moreno; Ratzke, 2005, p. 40).

Ainda segundo os compêndios de psiquiatria, sabe-se que Hipócrates, já no século V a.C., atribuiu um sentido estritamente patológico ao termo “mania” em oposição à “melancolia” (Sadock; Sadock; Ruiz, 2017, p. 347). Logo, na língua grega antiga, “mania” adquiriu também o estatuto de elemento de composição, gerando o formativo *-mania*, o qual se acoplava à direita de uma base para atualizar o significado lexical genérico de distúrbio, dependendo da compulsão que a pessoa maníaca adquiriu. Como exemplificação, há, no léxico grego, formações como *κλεπτομανία*, *cleptomania*, para a compulsão em roubar objetos; *διψομανία*, *dipsomania*, para a obsessão em ingerir bebidas; e *εργασιομανία*, *ergasiomania*, para a obsessão doentia por trabalho. Pelo fato de sua origem ser fundamentada na língua grega e de pertencer a um vocabulário técnico-científico/especializado já nessa língua, o formativo *-mania* é considerado um composto neoclássico de acordo com as definições para esse processo de formação de palavras. No entanto, conforme assevera Lüdeling (2009), elementos neoclássicos não podem ser vistos

apenas como itens etimologicamente gregos ou latinos, mas como elementos que não foram plenamente absorvidos pela língua-alvo. Seria esse o caso de *-mania*?

Breves notas sobre a composição neoclássica

De acordo com Bauer (2005, p. 105, tradução nossa), “[...] o rótulo ‘composto neoclássico’ se mostra inadequado, uma vez que um composto neoclássico não é um composto (de acordo com leitura normal da palavra), sendo mais um problema terminológico do que um problema de substância”. De fato, caso comparemos compostos de base livre, como *pela-saco* (“chato, inconveniente”) com formações do tipo “antropomorfo” (“que tem forma do homem”), imediatamente verificamos uma série de diferenças formais e semânticas que nos levam a concordar com Bauer que estamos diante de diferentes processos morfológicos. Como a questão das diferenças entre Compostos Neoclássicos (CN) e compostos de base livre ainda constitui debate nos estudos atuais (Ralli, 2010), optamos, aqui, apenas por listar as principais características da CN:

- a. são formações não naturais, com entrada tardia na língua, sobretudo no fim do século XIX e início do século XX;
- b. suas unidades de formação são bases presas oriundas do grego e do latim antigos, muitas vezes sem respaldo nas línguas doadoras, uma vez que são, nos termos de Sandmann (1985), “palavras manufaturadas”;
- c. como são internacionalismos, aparecem em línguas diferentes com forma e significado relacionados;
- d. caracterizam um vocabulário mais erudito, formalmente aprendido;
- e. combinam-se com um limitado número de sufixos, como é o caso de *-ia* e *-ico*.

Como mostram Caetano (2011) e Gonçalves (2011), a CN não constitui processo homogêneo nem apresenta o mesmo estatuto em todas as línguas em que aparece. Em algumas, como o polonês, constituem um acervo lexical fixo, que não se renova. No inglês, por outro lado, estão longe de ser fósseis morfológicos, pois muitos estão disponíveis no atual estágio da língua, formando novas palavras e criando padrões de formação mais próximos da derivação. Por isso mesmo, muitos autores destacam que, pela heterogeneidade da classe, é mais interessante, do ponto de vista descritivo, analisar elementos individuais, em vez de ter a pretensão de dar conta de toda a categoria. É o que faremos na próxima subseção.

O estatuto de *mania* no português: formas antigas e atuais

A partir do século XX, deparamo-nos com formações inovadoras que evidenciam certa suavização do sentido patológico de *mania*, enquanto forma livre, que acarretou o desbotamento semântico da palavra, considerando seu uso no grego. Desse modo, por exemplo, a paixão pelo time carioca Fluminense é traduzida em *Flumania*; o desejo por churrasco, em *churrascomania*; e até a preferência por empregos públicos a qualquer outro, no verbete dicionarizado *empregomania*. Nesse viés, o *Dicionário da língua portuguesa*, da Academia de Ciências de Lisboa (ACL), para explicitar o significado de *mania*, não se limita somente à definição com a qual entrou na língua portuguesa, mas acrescenta seus significados mais atuais:

1. PSIQUIATRIA síndrome mental que se manifesta através de uma hiperatividade psíquica e, por vezes, motora, e de diversas perturbações do humor, como a exaltação eufórica, a versatilidade, a expansividade, a incoerência das ideias;
2. modo de pensar, atitude ou comportamento invulgar, anormal (sinônimos: esquisitice; excentricidade; extravagância);
3. ideia que ocupa o espírito quase exclusivamente ou que é sobrevalorizado pelo sujeito; ideia fixa ou convencimento ilusório de alguma coisa (sinônimos: cisma; obsessão);
4. gosto excessivo (sinônimos: capricho; paixão);
5. o alvo desse gosto;
6. hábito mal aceite, irritante ou ridículo; mau costume (Mania, [2001]).

Será que, diante da atualização do significado e de sua incorporação ao vocabulário português, *-mania* ainda pode ser categorizado como um radical erudito que participa de compostos neoclássicos? Antes de responder essa questão, convém que façamos algumas considerações sobre o percurso de *-mania* em português.

No artigo de Gonçalves e Thompson (2013), o estatuto morfológico de *-mania* é questionado a partir das formações recentes com esse elemento à direita de palavras complexas, as quais evidenciam mudanças de caráter semântico e morfofonológico.

Isso posto, esta subseção objetiva esboçar, em certa medida, o percurso histórico das formações com *-mania*, a mudança do seu estatuto morfológico no Português Brasileiro (PB) e a aplicação do modelo da Morfologia Construcional (MC) para a descrição do formativo. Para tanto, este texto está dividido em três

subseções. A primeira será reservada à exposição do levantamento etimológico realizado em dicionários de línguas portuguesa, castelhana e inglesa e à descrição do tratamento dado a *-mania* na literatura. A segunda subseção é dedicada à MC e à forma com que o seu instrumental pode lidar efetivamente com o sentido original de *-mania*. Na subseção posterior, serão exploradas as formações com *-mania* mais recentes, a hipótese da mudança de estatuto morfológico desse elemento e a formulação dos esquemas construcionais. Haverá, então, a derradeira subseção para consolidarmos as ideias apresentadas neste texto.

Exame etimológico

Antes de ingressar nas definições dadas pelos filólogos de língua portuguesa, é oportuno fazer referência a dicionários estrangeiros que possam oferecer material consistente para a origem de *mania*, uma vez que esse radical e seu respectivo formativo estão largamente presentes nas línguas do mundo. Sobre esse fato, o professor Evanildo Bechara (2009, p. 310) pontua que:

Grande é o número de radicais gregos que encontramos no vocabulário português. Muitos deles nos chegaram através do latim e são antiquíssimos; lembremo-nos de que nos sécs. XVI a XVIII o latim era o veículo das obras de ciência e de filosofia em que abundavam os empréstimos de palavras gregas.

Esse movimento a que Bechara se refere e a que *-mania* está filiado é o Internacionalismo, o qual, na concepção de Ralli (2010), é o termo usado para “a descrição pragmática de palavras morfofonologicamente semelhantes em diferentes línguas (mesmo que de famílias diferentes), que, formadas com elementos do grego e do latim, expressam o mesmo conceito”. De fato, esse elemento morfológico encontra lugar não apenas no vocabulário português, mas também no de outras línguas. Por exemplo, a formação neoclássica *piromania*, que significa “obsessão pelo fogo”, corresponde a *pyromania* no inglês, a *pirománia* no húngaro, a *pyromani* no sueco e a *pyromanie* no holandês, permitindo visualizar um caráter regular desses compostos e de seus significados, à exceção de leves alterações de pronúncia e de grafia de cada idioma.

Abrindo a seção dos dicionários estrangeiros, há o *The Oxford English Dictionary*, de 1989, obra da universidade britânica que se refere tempestivamente ao formativo *-mania* e assinala que havia em grego um número reduzido de compostos (raros e principalmente pós-clássicos), os quais expressam a ideia geral de “um certo tipo de loucura/raiva” ou “o estado de estar louco por um objeto”.

Auspiciosamente, o dicionário britânico ressalta que, nos séculos XVI e XVII, uma quantidade de compostos quase-gregos, denotando espécies de mania, foi inventada e usada na linguagem médica latina e que alguns deles, como *nymphomania*, têm sido adotados na língua inglesa. Além disso, o dicionário oxfordiano faz considerações importantes sobre a mudança de pejoratividade que *mania* e seu formativo sofreram.

Segundo o dicionário, nos séculos XVII e XVIII, o sentido de *loucura/fixação/paixão* permitiu a formação de um número de compostos quase-gregos, como *bibliomanie* – “mania por livros” –, e formações híbridas como *Anglomanie* – “mania por coisas anglo-saxãs”. Por isso, articula o dicionário, muitas dessas palavras têm sido adotadas em inglês com a terminação *-mania*, e no século XIX tornou-se comum, em certo ponto, inventar “neologismos” (*nonce-words*, no original) com essa sequência final. Exemplos dessa tendência são, entre outros: *bancomania*, “anseio por estabelecer bancos”; *graiomania*, “paixão por coisas gregas”; *italomania*, “entusiasmo selvagem pela Itália”; e *scribbleomania*, “uma loucura por rabiscar/riscar” (Simpson, 1989, p. 313).

Dicionários de outras línguas abordam semelhantemente o elemento *-mania*. Encontra lugar a definição que o etimólogo catalão Joan Corominas faz em seu *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*, datado de 1984, em que, na esteira dos outros dicionários, confirma a origem grega de *mania*, porém acrescenta que esse radical é derivado de *μαίνεσθαι* “ser louco” (Corominas, 1984, p. 812).

No tocante aos manuais etimológicos de língua portuguesa, do qual se espera a mesma abordagem substancial presente nos consultados até então, foram examinados oito dicionários que estão disponíveis na Biblioteca José de Alencar, da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e quatro disponíveis em Bibliotecas Digitais *on-line*. Dando início, há o filólogo Antônio Geraldo da Cunha, na quarta edição do seu *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, que não confere nenhuma entrada para o formativo *-mania*, mas à palavra que o origina: *mania*. O filólogo retoma seu significado medicinal e explica que se trata de “doença caracterizada por um estado de excitação, que pode alternar com um estado de melancolia, constituindo a psicose maníaco-depressiva”. Além dessa definição, ele também revela a conotação figurativa de “mania”, que pode ser uma “excentricidade, esquisitice”. Segundo o autor, esse radical apareceu na língua portuguesa no séc. XVI e se originou do latim tardio *mania*, derivado do grego *manía*, o qual quer dizer “loucura, demência” (Cunha, 2007, p. 406). De fato, no Corpus do Português, só encontramos uma ocorrência de mania que data do século XVI. Não há, como em inglês, nenhuma construção complexa até o século XIX, o que justifica sua entrada na língua via empréstimos.

De modo mais específico, o médico e exímio filólogo Ramiz Galvão, em seu compêndio intitulado *Vocabulário etimológico, ortográfico e prosódico das palavras portuguesas derivadas da língua grega*, cuja publicação original evoca o início do século XX, define o radical *mania* como uma “especie de alienação mental; excentricidade, exquisitice” e ratifica o significado primordial da palavra grega: “De μανία loucura” (Galvão, 1994, p. 375). O filólogo brasileiro Francisco da Silveira Bueno, em seu *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*, confirma a origem grega do radical e o seu significado vernacular de loucura. Além disso, é interessante notar a definição perspicaz e atual que o autor lhe confere, a saber: “Capricho, extravagância, tendência e gôsto muito acen-tuados para determinada cousa, idéia fixa, teimosia” (Bueno, 1968, p. 2303). De maneira análoga, no *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, o professor Antenor Nascentes se refere à origem grega do radical *mania*, ao seu significado (*loucura*) e indica que foi o latim o caminho pelo qual o radical chegou ao português: “pelo lat. *mania*” (Nascentes, 1955, p. 315). Como se vê, as formações complexas não são comentadas pelos dicionaristas.

Os dicionários de língua portuguesa de filólogos portugueses lidam de forma muito análoga à dos brasileiros em relação ao formativo em questão. O *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*, do filólogo português José Pedro Machado (1968, p. 936), categoriza o radical *mania* como substantivo de origem grega: “Do gr. *Manía*, fem. de *Mán* s”. O *Diccionario etymologico, prosodico e orthographic da lingua portugueza*, de J. T. da Silva Bastos, publicado em Lisboa em 1912, ressalta o sentido original do termo e lhe acrescenta juízos de valor negativo: “especie de loucura com tendencia para fúria; esquisitice; mau costume; desejo immoderado. (Do gr. *mania*)”.

Foram consultados, também, dicionários que não lidam especificamente com a origem dos vocábulos. A nível de exemplificação, o *Grande dicionario da língua portuguesa*, de Cândido de Figueiredo, de 1913, cita como “espécie de loucura, com tendência para a fúria” e coloca como figurativo o sentido de “excentricidade; esquisitice; desejo excessivo; mau costume; e aquillo que se deseja immoderadamente”. Contudo, o autor cita que a sua origem é unicamente latina – o que não configura um equívoco, porém outros dicionários citam o latim tardio como “via” para a entrada desse termo no léxico português. Por outro lado, o autor se contradiz quando coloca *mania* como elemento de origem grega na explicação de todos os compostos em *-mania* em seu dicionário, como em *tulipomania*, *ninfomania* e *melomania* (Figueiredo, 1913). É o único a registrar palavras complexas com *-mania* na segunda posição de compostos.

Em seguida, o *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*, obra de Laudelino Freire publicada no começo da segunda metade do século XX, assemelha-se à obra de Ramiz Galvão e cumpre a função de categorizar não apenas o significado patológico do radical *mania*, mas também as novas acepções que esse radical adquiriu ao longo dos séculos:

MANIA, s. f. Gr. *mania*. Med. Espécie de alienação mental caracterizada por delírio geral com agitação e tendência para praticar atos de furor. || 2. Extravagância, capricho de gênio; modo excêntrico de pensar. || 3. Mau costume. || 4. Esquisitice, excentricidade. || 5. Afêrro habitual a alguma cousa; desejo imoderado e caracterizado por teimosia. || 6. O alvo dêsse desejo (Freire, 1954, grifo nosso).

Em seguida, apesar de não ser um manual de fito etimológico, o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, de 2009, descreve o elemento de composição *-mania* como pospositivo e ratifica a origem grega dele. Além disso, pontua que esse formativo aparece no latim tardio e “em compostos de várias épocas (a partir do Renascimento)” e cita 36 exemplos, entre os quais há as engenhosas formações *nudomania*, que traduz a “obsessão em ficar despido”, e *oneomania*, que significa “desejo compulsivo em adquirir ou comprar itens” (Houaiss, 2009, p. 1234). Nesse mesmo compêndio, as formações eruditas *andromania* e *bibliomania* são tidas como as mais antigas, atribuindo-lhes o ano de 1789 como o de entrada na língua.

Observou-se, portanto, que, dos dicionários vernáculos consultados, poucos apontam para o elemento de composição *-mania*, tecendo considerações apenas para a palavra que o originou: *mania*. Todos são unâimes na concepção de que sua origem remete à ideia primeira de *loucura*, entre outros significados similares.

Outras abordagens

A seguir, é pertinente apontar a maneira com que os compêndios linguísticos abordam o formativo *-mania*. A obra *Pontos de gramática histórica*, de Ismael de Lima Coutinho, de 1938, insere o formativo na lista de compostos gregos mais produtivos, mas não aponta sua posição preferencial na composição e o resume apenas como “loucura” (Coutinho, 1938, p. 79). Ainda, a abordagem das gramáticas escolares assemelha-se às históricas, dado que, na descrição da composição enquanto processo de formação de palavras, as obras citam *-mania* apenas como um radical erudito (por sua origem grega) em meio a uma extensa lista de elementos de natureza similar. Como exemplo, seguindo a tradição grammatical, a *Gramática da língua portuguesa*, de fito escolar, dos professores Pasquale Cipro

Neto e Ulisses Infante, inclui *-mania* na lista de elementos gregos que “geralmente surgem na parte final do composto”, atribuindo ao formativo em debate o sentido de “loucura, tendência” (Cipro Neto; Infante, 2008, p. 109).

Gonçalves e Thompson (2013) mostram que as formações complexas mais antigas envolvendo o formativo *-mania* apresentam uma vogal dita de ligação precedendo o elemento de segunda posição. Embora essa vogal seja hoje considerada um marcador de palavras, sinalizando formações mais eruditas, de fato não há um dado sequer sem esse constituinte até o século XIX, como se vê nos exemplos a seguir:

(1)	andromania	“adoração por homens”
	xenomania	“paixão por tudo que é estrangeiro”
	bibliomania	“grande interesse e paixão pelos livros”
	metiomania	“delírio acompanhado de sede constante”
	cleptomania	“impulso doentio e incontrolável de furtar”
	megalomania	“hábito de engrandecer tudo que diz respeito a si mesmo”

Podemos afirmar, portanto, que o caráter neoclássico das formações *X-mania* mais antigas está não apenas no significado técnico que atualizam como também em sua constituição formal: a vogal *-o-* é o marcador de palavras dominante quando o segundo formativo é grego – conferir, por exemplo, Higino da Silva (2016). Desse modo, até o século XIX e início do século XX, estamos diante de construções do tipo *X-o-mania*, a exemplo das demais listadas a seguir:

(2)	plutomania	iconomania	blastomania	logomania
	aritmomania	metiomania	sofomania	opsomania
	teutomania	nostomania	ablutomania	bruxomania
	quiromania	grafomania	gamomania	hieromania
	algomania	patomania	melomania	opiomania

Com base nos dados de nosso *corpus*, podemos afirmar que formações *X-mania* passaram por, pelo menos, três diferentes estágios na língua:

- a. séculos XVII-XIX, com empréstimos oriundos de outras línguas, como o francês e o inglês;
- b. fim do século XIX e início do XX com os internacionalismos, ampliando, assim, o pequeno acervo de formações já existentes; e
- c. fim do século XIX aos dias de hoje, com uma mudança formal e semântica nas formações.

Com base na MC, abordagem proposta por Booij – desde trabalhos publicados em 2005 e organizados em seu livro de 2010 – e aplicada ao português brasileiro através de trabalhos publicados e/ou organizados por Gonçalves (2016) e Soledade, Gonçalves e Simões Neto (2022), pretendemos mostrar os esquemas e os subesquemas que subjazem às construções *X-mania*.

Abordagem construcional

Nessa teoria filiada à Gramática das Construções, os esquemas são as unidades básicas da MC junto às palavras; de acordo com Soledade, Gonçalves e Simões Neto (2022, p. 15), “esquemas construcionais podem ser descritos como capazes de especificar as informações previsíveis acerca das palavras complexas totalmente enquadradas no esquema e especificar como novas instanciações podem ser construídas”. Sendo assim, as padronizações via esquemas proporcionam a concretização de informações gerais e abstratas de formação de palavras atravessadas sempre pela semântica que evocam em suas bases e seus produtos. Gonçalves e Almeida (2012) postulam as seguintes representações para os três processos concatenativos de formação de palavras no português:

- (3) composição: $[[X]_x [Y]_y]_s$
prefixação: $[X [Y]_y]_y$
sufixação: $[[X]_x Y]_y$

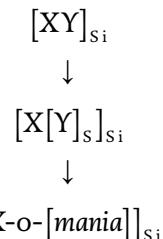
Segundo os autores, as variáveis X e Y representam sequências fonológicas, e os subscritos $_x$ e $_y$, categorias lexicais; assim, o esquema dos compostos expressa a generalização de que a composição, independentemente da posição da cabeça lexical, sempre produz substantivos em português (por isso, o subscrito S). Fundamentando-nos na análise proporcionada pela MC, concordamos com Gonçalves e Pires (2016, p. 117), os quais pressupõem que a chamada *composição neoclássica* também pode ser esquematizada por padrões construcionais análogos aos da derivação e aos da composição de palavras. Em virtude de serem formas presas,

os elementos da composição não possuem, na esquematização construcional, etiqueta lexical específica e podem ser genericamente mencionados como X e Y, uma vez que não são afixos; e, pelo fato de não integrarem o léxico, não são categorizados (isto é, não recebem os marcadores subscritos _i e _j). Assim sendo, considerando-se que há referência a um léxico técnico-científico, o resultado é sempre um substantivo, como fica padronizado em (4):

- (4) esquema geral da composição neoclássica: [XY]S

Uma vez que *-mania* possui livre curso na língua, sua posição em Y deve ser separada entre colchetes e deve receber etiqueta lexical, pois existe um equivalente livre com forma e significado análogo aos das construções complexas. Podemos representar essa hierarquia de esquematicidade da seguinte maneira:

(5)



Nessa esquematização, um substantivo X-ia, como *mania*, *terapia* e *fobia*, hoje constituem *chunks*, unidades de organização da memória formadas a partir de combinação de unidades anteriores como efeito da repetição (Bybee, 2010). Sem dúvida alguma, é impossível atualmente proceder à analisabilidade de *mania*, que deixou de apresentar o sufixo, pois teria uma base muito opaca. A postulação desse nível é interessante porque não apenas serve para as formações X-mania, mas para outras tantas da língua. O terceiro nível da hierarquia construcional abrange as formações neoclássica X-omania, pois a vogal -o- é parte integrante do esquema, como vimos na subseção precedente.

Mudança do estatuto morfológico

É oportuno pontuar, em contrapartida aos dicionários e às gramáticas históricas, o tratamento dado por linguistas brasileiros e portugueses ao formativo *-mania*. Inicialmente, o professor Antônio Sandmann, na sua obra *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*, de 1985, apontava *-mania* como *sufixoide*, ou seja, uma categoria à parte da composição e da derivação, dentro do que

ele nomeia como *semiderivação*. Segundo o autor, sobre o formativo em debate, não é possível “incluir-los, pois, simplesmente na derivação ou na composição” (Sandmann, 1985, p. 105). Nessa época, o autor já percebe que *-mania* não possui o mesmo caráter neoclássico da época em que entrou na língua portuguesa. Como exemplificação, Sandmann expõe os itens *jazzmania*, *videomania*, *discomania* e *operamania*, os quais não veiculam o que ele chama de “uma maneira de ver negativa”, significando somente “entusiasmo por, inclinação por, ocupação intensiva com”.

Ainda nas palavras de Sandmann (1985), as formações com *-mania* possuem a sequência DT-DM (determinante-determinado), ou seja, engatilham a elaboração da paráphrase. Nesse sentido, *-mania* compartilha, entre outras características, a posição de cabeça da estrutura com os sufixos e com os sufixoides – esses últimos, por sua vez, são entendidos como elementos morfológicos semelhantes aos afixos, quanto à posição e à produtividade, diferindo desses constituintes por apresentar uma forma livre correspondente.

A categorização desses elementos é debatida há muitas décadas: são chamados de semiafixos por Marchand (1969), de semipalavras por Scalise (1984) e de pseudoafixos por Schmidt (1987). Poucos anos mais tarde, na sua obra *Morfologia geral*, Sandmann (1991, p. 67) cita o exemplo de *egitomania* para comprovar que as formações neoclássicas conseguem ser efetivamente produtivas no vocabulário vernacular a partir da criatividade do falante.

Em Portugal, à época de 1995, a professora Maria do Céu Caetano publica um texto sobre sufixoides e a vulgarização do que ela chama de “formantes eruditos”; e, nessa categoria, *-mania* caracterizou-se como o formativo que mais se distanciou das características neoclássicas, dentre *-cracia*, *-filo*, *-logia* e *-logo*. Segundo a autora, os exemplos recolhidos, como *docemania* e *freitasmania*, revelam a ausência da vogal de ligação entre os compostos e a inflexibilidade desse elemento (Caetano, 1995, p. 525-526). Um ano antes, em 1994, a professora Alina Villalva, em *Estruturas morfológicas do português*, não cita em nenhum capítulo o formativo *-mania*, mas menciona outros radicais ditos eruditos, como *-antrop-*, *-morf-* e *-fon-*, para explicitar o processo de concatenação de radicais presente na composição. Para tanto, evidencia que a mobilidade desses radicais neoclássicos não se faz presente nos afixos (Villalva, 1994, p. 301-302). Já no século XX, em terras brasileiras, a obra *Manual de morfologia do português*, da professora Maria Nazaré Laroca, cuja primeira edição remonta a 2005, não faz referência ao elemento morfológico *-mania*, mas apresenta certa transigênciam em relação a outros “compostos neoclássicos”, como *-dromo* e *-logia*, a que chama de *neossufixos*. Em texto publicado por Gonçalves e Thompson (2013), *-mania* se torna alvo de intensa

pesquisa e descrição das suas características confrontadas com as propriedades da composição e da afixação.

Descrição das novas formações X-mania recentes

Ao longo dos séculos, no entanto, percebe-se que foram incorporados a *-mania* significados não necessariamente patológicos, mas relacionados à “paixão” ou ao “apego”, como as seguintes formações:

- (6) a. celularmania “apego ao telefone móvel”
- b. sambamania “paixão pelo gênero musical brasileiro do samba”
- c. BRmania “nome de uma loja de conveniência de postos de combustíveis”
- d. Depil Mania “nome de um estabelecimento de serviço de depilação”
- e. Fitmania “nome de um estabelecimento de serviço de academia”
- f. Burguers Mania “nome de um estabelecimento alimentício de hambúrgueres”

Uma vez observado o desbotamento do significado desse formativo de sua língua de origem, verifica-se que a nova atribuição semântica – isto é, de “apego”, “paixão não patológica” – propiciou que bases de categorias gramaticais diferentes conseguissem se adjungir a *-mania*, sejam elas livres – como substantivos, em (6a) e em (6b), e siglas, em (6c) – ou presas e sem livre curso na língua, como em (6d), ou ainda palavras estrangeiras ou reduções delas, como em (6e) e em (6f) respectivamente. Ainda sobre os elementos à esquerda nas construções com *-mania*, é perceptível que as bases da maioria dos compostos verdadeiramente neoclássicos possuem a propriedade de maior opacidade semântica, isto é, não são facilmente acessadas pelos falantes, ao passo que a transparência dessas bases se torna maior com as formações mais recentes, como fica evidente em oniônimos, isto é, nomes de estabelecimentos comerciais, como “Queijo Mania”, loja localizada em Feira de Santana (BA); “Massa Mania”, loja de massas neste mesmo município; e “Carromanía”, concessionária no Rio de Janeiro (RJ).

Consequentemente, mudanças de caráter fonológico e sintático também surgiram a partir da emergência dos novos usos desse formativo. Entre eles, há o

desaparecimento da vogal de ligação *-o-*, comum à composição de radicais neo-clássicos, e o desprendimento do segundo elemento *-mania*, que passa a atuar também como uma espécie de composto por justaposição ou, ainda, como locuções quando grafadas separadamente, como se vê nos dados a seguir:

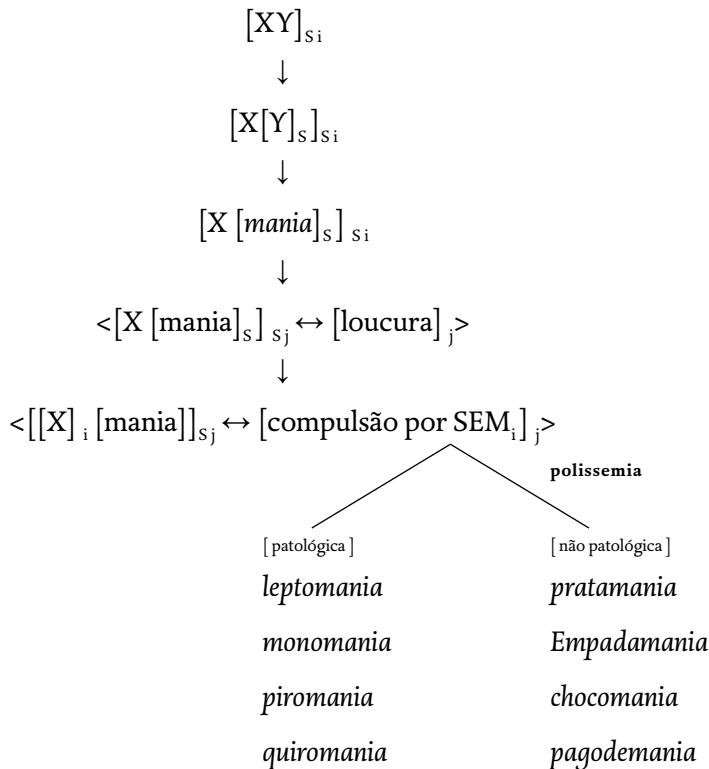
- (7) a. Segunda Mania “nome de promoção de cupons exclusivos para a segunda-feira”
b. Pastel Mania “nome de um estabelecimento comercial de pastéis”
c. Vôlei Mania “nomedeumprojetsocialcujofoçoaapráticade vôlei”
d. Frios Mania “nome de um estabelecimento comercial de alimentos”

Outrossim, corrobora para análise de *-mania* como elemento “ex-neoclássico” o fato de compartilhar com os afixos as seguintes propriedades: (i) restrição posicional; (ii) estabilidade funcional; (iii) aplicabilidade; e (iv) composicionalidade. À primeira compete a característica de as posições dos afixos serem fortemente determinadas, isto é, possuírem posição pré-determinada na estrutura da palavra; a palavra *mania*, enquanto forma livre, aparece à direita em apenas três estruturas, todas extremamente opacas e dificilmente analisáveis: *manicômio*, *maníaco* e *maniamento*. Em relação à estabilidade funcional, *-mania* sempre forma substantivos, além de apresentar função semântica pré-determinada, posto que as construções em que *-mania* configura elemento morfológico estão relacionadas à compulsão, quer patológica (como em: *algomania*, *doxomania* e *hipomania*) ou não (como em: *motomania*, *afromania* e *carromania*). Por aplicabilidade, entende-se a tendência de os afixos criarem palavras em série, com alta produtividade. Pelos exemplos citados até aqui, percebe-se que *-mania* possui potencial de adjungir a uma vasta quantidade de bases a fim de suprir a necessidade do falante de criar uma nova palavra complexa. Por fim, *-mania* possui a característica da composicionalidade (Bybee, 2010), pois a interpretação do produto depende da soma das partes, em que *-mania* ocupa a posição de constituinte-cabeça e o papel de atribuição de gênero feminino e de categoria nominal à construção complexa (Gonçalves; Thompson, 2013).

A partir do que foi exposto, faz-se necessário desenvolver o esquema apresentado em (7) considerando as novas acepções que as formações *X-mania* mais recentes apresentam. No primeiro nível de formalização, há o esquema genérico

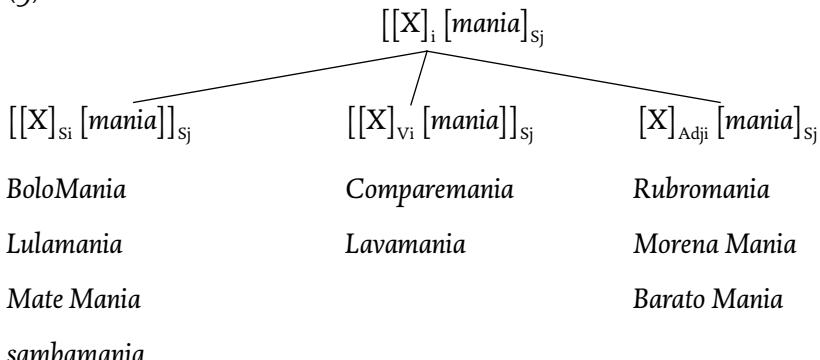
da composição neoclássica. Em seguida, há a adaptação desse esquema ao caso particular de uma gama de compostos que possuem um elemento de livre curso na língua na sua margem direita. Uma vez especificado o elemento da composição, há a associação com a semântica primitiva e, em seguida, atualizada.

(8)



Os dados do *corpus* demonstram que os constituintes que preenchem o slot X são de base substantiva, adjetiva e verbal, e por isso essa informação categorial é omitida no esquema, que informa apenas que a forma à esquerda faz parte do léxico, o que vem representado pelo i subscrito. Sobre a produtividade dessas categorias, evidenciou-se que os elementos à esquerda de base substantiva são mais frequentes que as de base adjetiva e de base verbal:

(9)



Considerações finais

O presente capítulo se propôs a descrever o percurso histórico do radical grego *mania* e de seu elemento de composição dentro do vocabulário português. Verificou-se que houve uma série de mudanças desde seu ingresso na língua por via erudita aos dias de hoje. As primeiras formações são empréstimos já manufaturados nas línguas doadoras, sobretudo o inglês. Outras formações foram incorporadas à língua com os internacionalismos, no período da instituição da nomenclatura técnico-científica. Por fim, houve uma herança por polissemia, uma vez que as formações podem aparecer fora da esfera das chamadas ciências da psique, deixando de configurar patologias. Então, de “compulsão”, X-omania passa a *X-mania*, experimentando significados mais brandos, como “paixão”, “fixação” etc. Diante do exposto, destacamos que as esquematizações da MC são suficientes para abranger as mudanças morfossemânticas sofridas pelo formativo *-mania* durante os últimos séculos. Qual seria, então, o atual estatuto dessas formações? Certamente não são mais neoclássicas, mas também não seriam um caso de sufixação, até mesmo porque *mania* pode estar à direita, mas ser grafada separadamente. Seria um composto por justaposição? Talvez sim, talvez não. Certo é que a categorização é um processo difícil e, muitas vezes, tendencioso. No entanto, a MC consegue generalizar que as formações aqui analisadas são todas construções, isto é, pareamentos de forma-significado que podem ser representadas por esquemas que dão conta não apenas do que está consolidado na língua, mas também do que pode ser criado. Fica, pois, o convite para ingressar no clube dos morfomaníacos!

Referências

- BASÍLIO, M. *Teoria Lexical*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- BASTOS, J. T. S. *Diccionario Etymologico, Prosodico e Orthographic da Lingua Portugueza*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1912. Disponível em: <http://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/26045>. Acesso em: 02 set. 2025.
- BAUER, L. The Borderline between Derivation and Compounding. In: Dressler, W. U.; KASTOVSKY, D; PFEIFFER, O. E.; RAINER, F. (ed.). *Morphology and its Demarcations*. Holanda: John Benjamins Publishing Company, 2005. p. 97-108. (Current Issues in Linguistic Theory).
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 39. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BOOIJ, G. *Construction morphology*. Inglaterra: Oxford University Press, 2010.
- BOOIJ, G. Compounding and Derivation: Evidence for Construction Morphology. In: Dressler, W. U; KASTOVSKY, D; PFEIFFER, O. E.; RAINER, F. (ed.). *Morphology and its Demarcations*. Holanda: John Benjamins Publishing Company, 2005. p. 109-131.
- BUENO, F. S. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa: vocábulos, expressões da língua geral e científica-sinônimos contribuições do tupi-guarani: L-M*. São Paulo: Saraiva, 1968. v. 5.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Inglaterra: Cambridge University Press, 2010.
- CAETANO, M. Formação de Palavras em português: Os sufixóides e a vulgarização dos formantes eruditos. In: ACTAS DO XI ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA, 11., 1995, Lisboa. *Actas do [...]*. Lisboa: APL/Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, p. 517-528, 1995. Disponível em: <https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/12/1995-36.pdf>. Acesso em: 02 set. 2025.
- CAETANO, M. Construções com “guarda”. Contribuições para o estudo da composição nominal em português. In: CORREIA, C. N. (org.). *Cadernos WGT: Formas & Construções*. Lisboa: NOVA FCSH, 2011. p. 11-24. Disponível em: https://clunl.fcsh.unl.pt/grupos_clunl/gramatica-texto/cadernos-wgt/formas-construcoes/. Acesso em: 02 set. 2025.
- CIPRO NETO, P.; INFANTE, U. *Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Scipione, 2008.
- COELHO, F. A. *Diccionario Manual Etymologico da Lingua Portugueza: contendo a significação e prosodia*. Lisboa: P Plantier-Editor, 1890. Disponível em: <http://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/26038>. Acesso em: 02 set. 2025.

- COROMINAS, J; PASCUAL, J. A. *Diccionario crítico etimológico castellano e hispânico*: G-MA. Madrid: Gredos, 1984. v. 3.
- COUTINHO, I. L. *Pontos de Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1938.
- CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.
- DÍAZ-NEGRILLO, A. *Neoclassical compounds and final combining forms in English*. *Linguistik Online*, Suíça, v. 68, n. 6, p. 3-20, 2014. DOI: <https://doi.org/10.13092/lo.68.1631>. Disponível em: <https://bop.unibe.ch/linguistik-online/article/view/1631>. Acesso em: 02 set. 2025.
- FIGUEIREDO, C. *Novo Diccionario da Língua Portuguesa*. [S. l.: s. n.], 1913. Disponível em: www.gutenberg.org/files/31552/31552-pdf.pdf. Acesso em: 13 fev. 2023.
- FREIRE, L. (org.). *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*: J-P. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1954. v. 4.
- GALVÃO, B. F. R. *Vocabulário Etimológico, Ortográfico e Prosódico das palavras portuguesas derivadas da língua grega*. 2. ed. Belo Horizonte: Garnier, 1994.
- GONÇALVES, C. A.; PIRES, J. A. Uma abordagem construcional para as formações x-dromo do português brasileiro. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 106-126, jan./jun. 2016. DOI: <https://doi.org/10.31513/lingistica.2016.v12n1a4522>. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/4522>. Acesso em: 02 set. 2025.
- GONÇALVES, C. A.; THOMPSON, H. V. G. Uma morfo-mania: análise das construções X-mania por meio de um continuum composição-derivação. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 18-28, jan./mar. 2013. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2013v10n1p18>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2013v10n1p18>. Acesso em: 02 set. 2025.
- GONÇALVES, C. A. V.; ALMEIDA, M. L. L. Por uma cibermorfologia: abordagem morfossemântica dos xenoconstituintes em português. In: MOLLICA, Maria Cecilia; GONZALEZ, Marcos. (Org.). *Linguística e Ciência da Informação: Diálogos Possíveis*. Curitiba: Appris, 2012, p. 105-127.
- GONÇALVES, C. A. Compostos neoclássicos: estrutura e formação. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL*, [s. l.], n. 5, p. 6-39, 2011. Edição Especial. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/downloadFile.php?local=artigos&id=309&lang=pt>. Acesso em: 02 set. 2025.
- GONÇALVES, C. A. *Morfologia construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.

- HIGINO DA SILVA, N. *Diferentes perspectivas sobre o formativo agro-: aspectos históricos, morfológicos e semânticos*. 2016. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- LARESSE, M. Neoclassical compounds and language registers. *Journées d'Études Toulousaines*, França, p. 98-107, 2013.
- LÜDELING, A. *Neoclassical word-formation*. Berlin: Universität zu Berlin, 2009.
- MACHADO, J. P. *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1968. v. 2.
- MALHADAS, D.; DEZOTTI, M. C. C.; NEVES, M. H. M. *Dicionário grego-português*: DGP. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.
- MANIA. In: *DICIONÁRIO da língua portuguesa: Academia das ciências de Lisboa*. [2001]. Disponível em: <https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=mania>. Acesso em: 15 fev. 2022.
- MARCHAND, H. *The Categories and types of present-day English word-formation*. Alemanha: Beck, 1969.
- MORENO, D. H.; MORENO, Ricardo A.; RATZKE, Roberto. Diagnóstico, tratamento e prevenção da mania e da hipomania no transtorno bipolar. *Archives of Clinical Psychiatry*, São Paulo, v. 32, n. 7, p. 39-48, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832005000700007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpc/a/V7zwMHghSdyM7P9XJ7z3S3h/>. Acesso em: 02 set. 2025.
- NASCENTES, A. Divisão dialectológica do território brasileiro. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 212-219, abr./jun. 1955.
- PEREIRA, I. S. J. *Dicionário grego-português/português-grego*. Madrid: Gredos, 1977.
- RALLI, A. 172. Greek. In: MÜLLER, P.; OHNHEISER, I.; OLSEN S.; RAINER, F. (ed.). *Word-Formation: An International Handbook of the Languages of Europe*. Nova York: De Gruyter Mouton, 2016. p. 3138-3156. v. 1.
- RALLI, A. Compounding versus derivation. In: Scalise, S.; Vogel, I. (ed.) *Cross-Disciplinary Issues in Compounding*. Holanda: John Benjamins Publishing Company, 2010. p. 57-74.
- SADOCK, B. J.; SADOCK, V. A.; RUIZ, P. *Compêndio de psiquiatria: ciência do comportamento e psiquiatria clínica*. 11. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.
- SALES, J. *Dicionário de elementos gregos*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1956.

- SANDMANN, A. J. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor; São Paulo: Ícone, 1985.
- SANDMANN, A. J. *Morfologia geral*. São Paulo: Contexto, 1991.
- SCALISE, S. *Generative Morphology*. Holanda: Foris Pubns USA, 1984.
- SCHMIDT, G. D. Das Affixoid: Zur Notwendigkeit und Brauchbarkeit eines beliebten Zwischenbegriffs der Wortbildung. In: GABRIELE, H. et al (ed.). *Deutsche Lehnwortbildung*. Alemanha: Narr, 1987. p. 53-101.
- SOLEDADE, J.; GONÇALVES, C. A.; SIMÕES NETO, N. Morfologia construcional: outra introdução. In: SOLEDADE, J.; GONÇALVES, C. A.; SIMÕES NETO, N. (org.). *Morfologia Construcional: avanços em língua portuguesa*. Salvador: Edufba, 2022, p. 193-236.
- SIMPSON, J. A. *The Oxford English Dictionary*. 2. ed. Inglaterra: Clarendon Press, 1989. v. 9.
- VILLALVA, Alina. *Estruturas morfológicas: unidades e hierarquias nas palavras do português*. Lisboa: Dicemto, 1994.